

# Infohabitar, Ano XVII, n.º 762

## Diversas opções para os principais ambientes da habitação: propostas organizativas – Infohabitar # 762

António Baptista Coelho  
(texto e imagem)

*Artigo integrado na série editorial da Infohabitar “Habitar e viver melhor”*

### Resumo

*No artigo desenvolve-se uma reflexão sobre o interesse da exploração e do subsequente aprofundamento de uma razoável variedade de propostas organizativas para as zonas e subzonas da habitação, numa perspetiva que encara criticamente uma, ainda preponderante, preocupação essencialmente funcional, e que visa a melhor adequação a necessidades e desejos habitacionais específicos num quadro de expressiva qualidade arquitectónica e nunca esquecendo a aplicabilidade destas ideias a soluções de habitação de interesse social, naturalmente condicionadas em termos de áreas e de acabamentos.*

### Introdução

Em seguida e na sequência do artigo editado na passada semana desenvolvem-se, um pouco mais, as matérias associadas a um leque de propostas organizativas para as zonas domésticas, sob o ponto de vista de diversos autores especialistas nestas matérias, apontando-se, desde já, a importância deste tipo de reflexões, designadamente, quando aplicadas a soluções habitacionais espacialmente muito condicionadas, como é o caso das soluções de habitação de interesse social.

### **1. Espaços tipologicamente distintos em termos de socialização, privacidade e funcionalidade geral.**

Harald Deilmann distingue cinco tipos de espaços domésticos e, sequencialmente define cinco zonas domésticas distintas (1):

- espaços de socialização e comunicação;
- espaços individuais;
- espaços sanitários;
- espaços de preparação de refeições;
- espaços de circulação.

Fica, de certa forma, a fragmentação funcional totalmente consumada; embora se sublinhe a emergência de uma relativa “separação” entre espaços de “socialização e comunicação” e espaços “individuais”, que podem não corresponder, objetiva e respetivamente a salas-comuns e quartos de dormir.

## **2. Habitações “divididas” pela barreira entre usos essencialmente noturnos ou diurnos.**

Vamos agora à “última fronteira” funcional a da barreira entre noite e dia, a bem conhecida definição de “zona de quartos” e zona de entrada e receção.

E nesta matéria e na perspectiva de Claude Lamure, essa distinção “clássica” entre espaços “de noite” e “de dia” terá perdido boa parte da sua razão de ser, porque a falta de espaço obriga crianças e por vezes adultos a passarem parte do dia nos seus quartos “de dormir”; e Lamure propõe que talvez a distinção possa ter mais a ver com as diversas características de privacidade e de convencionalidade no uso e no arranjo dos espaços, que marcam zonas domésticas mais formais ou mais informais. (2)

Poderíamos comentar que essa referida falta de espaço poderá, também, levar crianças, jovens e adultos a usarem mais intensamente a sala-comum e a cozinha (se esta for razoavelmente dimensionada).

E assim ficamos com a velha questão de onde investir mais, espacialmente, nas zonas mais comuns ou nas zonas mais privadas? Isto, evidentemente, quando há consistentes limites de áreas domésticas.

## **3. Espaços mais formais ou mais informais da habitação – ou domínios das crianças, domínios dos adultos e domínios comuns.**

Ficamos, então, agora com os conceitos de formalidade e informalidade, matérias que pouco serão aplicáveis nas áreas limitadas da habitação de interesse social, onde, provavelmente, não haveria espaço para a formalidade, mas, como ela subsiste, então

as pessoas acabam, por vezes, por se acumularem em partes da habitação para poderem continuar a ser formais noutros espaços da mesma habitação.

Alexander defende que numa habitação para uma família com filhos devem existir dois domínios próprios, especificamente, dos pais e dos filhos, relacionados entre si através de um terceiro domínio, o domínio comum. (3)

- O domínio dos pais implica isolamento visual e acústico, e, como as crianças correm toda a casa, uma relação direta com uma casa de banho. (4)
- O domínio das crianças deve considerá-las nos seus momentos de maior energia, evitando-se, que os espaços dos adultos estejam no meio da confusão, protegendo-se os quartos dos adultos e os locais de maior sossego ou com mais fortes exigências de formalidade. (5)

Teremos aqui os domínios das crianças, dos adultos e comum aos dois grupos; uma exigência que parece obrigar a condições especiais de espaciosidade e/ou a uma apurada estratégia de adaptabilidade/conversão espacial.

E nesta matéria talvez que seja bem importante a consideração dos aspetos marcados por condições espaciais, ambientais e de pormenor bastante ligadas às necessidades diversificadas – ex., apoio ao crescimento amplo e à múltipla formação das crianças e ao desenvolvimento de tarefas especializadas de jovens e adultos –, gostos e formas de ação e interação mais associadas aos diversos níveis etários; e atente-se que esta perspetiva pouco ou nada tem sido considerada na conceção habitacional, sendo que:

- parte dela pode ser deixada à capacidade de absorção funcional e formal pormenorizada dos variados subespaços domésticos, que depende de condições físicas e ambientais específicas (ex., paredes para encostar móveis e fixar quadros, condições de iluminação, etc.);
- enquanto outra parte depende de uma adequada capacidade organizativa, de acessibilidade e de adaptabilidade de toda a habitação.



*Fig. 1: ... capacidade de absorção funcional e formal pormenorizada dos variados subespaços domésticos, que depende de condições físicas e ambientais específicas (ex., paredes para encostar móveis e fixar quadros, condições de iluminação, etc.);*

#### **4. Habitação que se adapta à evolução etária e da composição da família e dos respetivos usos e desejos domésticos**

Harald Deilmann (6), que estudou um muito amplo leque de casos práticos, desenvolveu, um pouco mais, esta perspetiva de uma organização doméstica associada a uma evolução da idade da família e chegou às seguintes conclusões:

- quando existam crianças pequenas, a habitação deve caracterizar-se por um forte relacionamento mútuo entre os seus diversos espaços;
- quando existam crianças e adolescentes, a habitação deve caracterizar-se por um equilíbrio entre o referido relacionamento mútuo entre os diversos espaços e outros espaços onde seja possível alguma privacidade e autonomia vivencial;
- quando existam adolescentes e jovens adultos, a habitação deve caracterizar-se por um equilíbrio entre os referidos aspetos de relacionamento mútuo entre os diversos espaços e de existência de outros espaços onde seja possível alguma privacidade e autonomia vivencial e, ainda, outros espaços domésticos com afirmada privacidade e autonomia; quando existam jovens adultos, a habitação

deve caracterizar-se pela existência de espaços com forte privacidade e autonomia.

As notas relativas às conclusões de Deilmann acabaram, mas é possível juntar que, quando existam adultos talvez seja de favorecer para além dos espaços com forte privacidade e autonomia, outros espaços com um amplo e adaptável leque de aptidões funcionais e de forte caracterização formal; e quando existirem velhos adultos então, talvez seja a altura de “voltar” a uma certa adaptabilidade e indiferenciação.

Deste registo dos estudos de Deilmann fica uma perspetiva de uma sequência evolutiva da habitação acompanhando o envelhecimento da família, sequência esta que, naturalmente, depende de estarmos em presença de uma habitação expressivamente adaptável, designadamente, em termos dimensionais (referimo-nos a dimensões particularizadas mais do que a áreas) e de versatilidade organizativa e de acessibilidades.

## **5. Influência da ocupação habitacional no dimensionamento doméstico**

Segundo M. Imbert, em habitações fortemente ocupadas e dimensionalmente limitadas não faz sentido incentivar as crianças a permanecerem nos seus quartos, e o resultado é que a sala-comum será por elas apropriada. (7)

As crianças precisam de mais espaço doméstico do que os adultos para as suas diversas atividades, devido à sua grande necessidade de movimento e à sua capacidade limitada de concentração. Por estas razões as famílias com crianças precisam de mais espaço, em geral e, nomeadamente, em vários espaços da casa (sala, quartos ou quarto e casa de banho, para banho assistido).

Desta reflexão de Imbert fica a noção que as maiores tipologias domésticas devem ter áreas funcionais substancialmente acrescidas e que as áreas sociais da habitação (cozinha e sala-comum) deverão oferecer alternativas para diversas atividades de lazer e convívio.

Poderíamos juntar a estas reflexões sobre a maior necessidade de espaço doméstico pelas crianças uma idêntica reflexão sobre as necessidades espaciais e ambientais dos mais idosos, que preferem espaços com algum desafogo e grande clareza de configuração e de organização.

Portanto, sobrando os adultos, talvez que estas condições de relativo desafogo se devam aplicar, sempre que possível, de forma geral.

## **6. Importância da socialização na estruturação e na espaciosidade domésticas**

Finalmente, regista-se a noção do Arq.<sup>o</sup> Prieur (8) no que se refere a considerar que a principal atividade da família, toda junta, é a conversação por ocasião das refeições, o que faria destacar a importância da localização e das características de conforto e agradabilidade da zona de refeições. Sem se negar a justeza do raciocínio importa comentar que, hoje em dia, talvez a par deste espaço de refeições, que há que defender como polo convivial doméstico, não é possível deixar de referir a zona onde se vê televisão, igualmente, como polo de convívio da habitação.

Destas notas retira-se que é fundamental que a organização e o espaço disponível na habitação proporcione a evidenciada instalação de uma mesa de refeições e de um espaço de estar, ambos com excelentes condições para estímulo do convívio e do lazer em casa; se tais espaços não forem possíveis as pessoas irão “fugir”, rapidamente, para os seus quartos ou para fora de casa.

## **7. Algumas notas sobre o teletrabalho**

Não se indo desenvolver, aqui, esta matéria, que exige tratamento específico e pormenorizado, importa fazer desde já algumas notas.

A primeira é que qualquer tipo de trabalho realizado em ambiente doméstico deverá poder ser considerado nos respetivos espaços mais privados, ainda que, eventualmente, com um carácter relativamente informal.

Outra consideração é que a reflexão sobre a introdução do teletrabalho “profissional” e razoavelmente generalizado é relativamente revolucionária, pois anteriormente e embora dele se tenha falado quando da “invenção” dos computadores pessoais e da internet, tal possibilidade acabou por ser um pouco esquecida. E o que sempre levámos em conta foram os seguintes tipos de trabalhos “não domésticos”: trabalho de estudantes; passatempos; “restos” eventuais e pontuais de trabalho profissional; e todos eles acabavam por ser possíveis com o tal carácter informal em subespaços relativamente improvisados ou temporalmente convertidos para o efeito.

Naturalmente que para lá destas opções temos sempre que considerar o tradicional trabalho do “profissional liberal” no seu gabinete/compartimento específico, desejavelmente com alguma autonomia de localização/acessibilidade a partir da entrada no fogo; o que já é condição complicada para as vulgares organizações domésticas.

Mas pondo de lado a possibilidade de reservar um compartimento específico para o trabalho profissional, que será sempre caso de exceção, o que o atual e global desenvolvimento do teletrabalho profissional implica em termos domésticos é, no mínimo, um acréscimo dimensional e espacial de determinados compartimentos e a necessidade de tais espaços e ambientes poderem conviver em uma base de continuidade com os restantes espaços e ambientes da habitação; e o que dizer quando são os dois elementos de um casal a estarem em teletrabalho profissional!

### **Breves notas de remate**

Abordaram-se vários “temas” de organização doméstica, mas há que ter a noção de que nesta(s) matéria(s) cada bom projetista terá os seus “segredos”, no sentido de ir preferindo certas soluções e experimentando outras, e em todas estas matérias tudo se ganha com o estudo e a visita cuidadosa ao leque mais alargado possível de soluções.

Em outros artigos desta série editorial, ao avançar pelos diversos espaços da habitação, iremos procurar aprofundar um pouco dessa rica e importante/fundamentada diversidade que deve marcar uma renovada e adaptável estruturação doméstica.

### **Notas:**

(1) Harald Deilmann; J. Kirschenmann; H. Pfeiffer, "The Dwelling / Dwelling-types, Building-types", p. 39.

(2) Claude Lamure, "Adaptation du Logement à la Vie Familiale", p. 106.

(3) Christopher Alexander; Sara Ishikawa; Murray Silverstein; et al, "A Pattern Language/Un Lenguaje de Patronos", p. 350.

- (4) Christopher Alexander; Sara Ishikawa; Murray Silverstein; et al, "A Pattern Language/Un Lenguaje de Patrones", pp. 577 e 578.
- (5) Christopher Alexander; Sara Ishikawa; Murray Silverstein; et al, "A Pattern Language/Un Lenguaje de Patrones", pp. 581 e 582.
- (6) Harald Deilmann; J. Kirschenmann; H. Pfeiffer, "The Dwelling / Dwelling-types, Building-types", pp. 25 e 30.
- (7) M. Imbert, "Mission d'Études de la Ville Nouvelle du Vaudreuil", p. 13.
- (8) P. H. Chombart de Lauwe, et al, "Famille et Habitation I, Sciences Humaines et Conceptions de l'Habitation", pp. 175, 176 e 177.

**O presente artigo corresponde a uma edição ampliada, modificada e revista do artigo que foi editado na Infohabitar, em 27/07/2014, com o n.º 493.**

### **Referências editoriais:**

**1.ª Edição: Infohabitar, Ano XVII, n.º 762, terça-feira, janeiro 26, 2021**

**Link para a 1.ª edição:**

**<http://infohabitar.blogspot.com/2021/01/diversas-opcoes-para-os-principais.html>**

**Etiquetas/palavras chave: habitação, arquitectura, ambientes domésticos , infohabitar , novas organizações domésticas , novos espaços domésticos , novos espaços habitacionais , organização da habitação**

# **Infohabitar**

**Editor: António Baptista Coelho**

*Arquitecto – Escola Superior de Belas Artes de Lisboa –, doutor em  
Arquitectura – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto –,  
Investigador Principal com Habilitação em Arquitectura e Urbanismo –  
Laboratório Nacional de Engenharia Civil.*

**[abc.infohabitar@gmail.com](mailto:abc.infohabitar@gmail.com), [abc@lnec.pt](mailto:abc@lnec.pt)**

***A Infohabitar é uma Revista do GHabitar Associação Portuguesa para a  
Promoção da Qualidade Habitacional Infohabitar – Associação atualmente  
com sede na Federação Nacional de Cooperativas de Habitação  
Económica (FENACHE) e anteriormente com sede no Núcleo de  
Arquitectura e Urbanismo do LNEC.***

***Apoio à Edição: José Baptista Coelho - Lisboa, Encarnação - Olivais  
Norte.***